

O PROFESSOR COMO DINAMIZADOR CULTURAL

MARIA CRISTINA CAMPOS DE SOUSA FARIA *

A cultura é um facto, isto é, existe e surge como resultado de gerações passadas que a transmitiram umas às outras. Mas, é condição determinante da sua existência que ela seja bem recebida, aceite e assimilada pelas jovens gerações vindouras. Quando os homens rejeitam a vinculação aos valores da tradição entram em confronto com a cultura; por este meio, constroem a sua própria história e contribuem para um processo de criação e de nova recepção de valores na sua vida real e da sua comunidade.

É na escola, que a evolução da cultura, num processo de recepção/criação, continuidade/descontinuidade se torna mais relevante, em especial, na mudança do plano de estudos (Programa, curriculum) ou nos ramos de ensino (especialidades).

Na perspectiva de J. Leif a cultura é o desenvolvimento das faculdades e das potencialidades da inteligência, da sensibilidade com vista à formação do juízo, do sentido estético, com a finalidade de adquirir o equilíbrio físico, os meios de se conhecer a si mesmo, de conhecer os outros e o mundo, de compreender as ligações que implicam esses conhecimentos. Deste seguimento parece pois ultrapassado o objectivo de manutenção, transmissão e imposição de si mesmas, de um determinado contexto de valores ou de um determinado padrão de comportamento; isto é, o conteúdo de cada tarefa deve possuir uma função impulsionadora de valorações críticas construtivas e criativas.

A escola pode ser o ponto de partida de futuros estilos de vida. Ela deverá despertar e estar aberta à curiosidade e originalidade dos seus alunos, motivando-os para o desenvolvimento das suas aptidões, fornecendo-lhes modos de lidar com os seus possíveis obstáculos, levando-os a ultrapassá-los com sucesso; tendo em vista a construção de uma **Personalidade** saudável, ajustada e reajustável às transformações culturais da comunidade onde vive em liberdade expressa.

"Uma cultura é uma obra de arte, da qual as belas-artes são a sublime expressão" (Bloom), quem se expressa é sempre uma personalidade em interacção que elabora, escolhe e decide sobre o seu produto, obra da sua criatividade e originalidade valorativa; no aqui e no agora em função dos seus sentimentos de pertença e referência. Neste sentido dever-se-à ter tanto respeito pela cultura como pelos direitos humanos.

Qual a importância do papel da escola na difusão do respeito pela cultura?

A escola é um local onde se encontram todos os anos indivíduos em desenvolvimento e aprendizagem. Vindos dos mais diversos tipos de grupos, formando os mais variados, constituem um grupo único nessa escola.

* Docente da ESE de Beja

O indivíduo adquire do grupo em que está inserido um extenso repertório de usos e costumes. Ele selecciona os seus comportamentos que estão em conformidade com os padrões de uma dada comunidade através de certas respostas que são reforçadas e outras deixadas passar sem reforço ou punidas (Skinner).

As contingências educacionais estabelecidas pelo grupo são uma das fontes de diferenças. Reforça-se o indivíduo com a aprovação quando toma certas atitudes. Tais variáveis são especialmente importantes na determinação do "estilo" que finalmente se torna característica de um grupo.

A teoria da Classe Ociosa de Thorstein Veblen demonstrou que costumes e usos que pareciam não ter consequências comensuráveis, e que eram explicados em termos de princípios duvidosos de beleza ou gosto, tinham efeito importante sobre os membros do grupo. De acordo com o autor, não usamos trajes enfeitados ou falamos uma linguagem inusitada necessariamente porque as roupas sejam bonitas ou a linguagem "cult", mas porque somos assim aceites por um grupo no qual essas coisas são um símbolo de participação e porque obtemos prestígio ao controlar aqueles que são incapazes de se comportar da mesma maneira.

O processo de indução pode também explicar o reforço diferencial do comportamento em formação - as forças que modelam o comportamento ético aos padrões de grupo são poderosas (Skinner). O grupo dedica-se a suprimir ou a incrementar determinados comportamentos, por causa das consequências imediatas para os seus membros.

Parece estar sempre implícito um planeamento cultural, isto é. um conjunto particular de condições, no qual um grande número de personalidades se desenvolvem e vivem aprendendo determinados comportamentos padrão que foram pré-estabelecidos.

O planeador cultural para além de examinar o empenho e as condições complexas sobre as quais o planeamento ocorre, deveria estar sempre atento ao factor acaso, pois este desempenha um papel primordial na mudança de comportamento de uma cultura, no sentido da sua sobrevivência.

Será o professor capaz de assumir esta função?

Terá ele a força, a energia, a dinâmica suficiente para se empenhar de mente e corpo, em tal processo?

A resposta às duas perguntas poderá estar no esclarecimento de três aspectos pertinentes igualmente questionáveis:

1. Definição dos objectivos em educação
2. O auto-conceito do professor
3. Atribuição e Auto-percepção em Pedagogia

Nas Recomendações da 35ª Conferência Internacional da Educação convocada pe-

la Unesco, é dito que, o professor é chamado a desempenhar o seu papel como definidor de objectivos; ele é responsável como agente de desenvolvimento e de mudança na comunidade local dum trabalho mais vasto do que a simples "transmissão de objectivos".

Se queremos mudar, temos que revolucionar as mentalidades. É à educação que caberá formar mentalidades livres e saudáveis. É ao professor que cabe a eficiência da acção educativa, orientada conscientemente para a felicidade do educando, "desfrutando os valores da cultura como forma de realização humana" (Pimentel Vaz/1985).

O auto-conceito é de acordo com Gottfredson (1985) uma constelação de percepções e avaliações que as pessoas fazem acerca de si próprias em termos de duas dimensões:

- as identidades (conteúdos de percepções e crenças pessoais acerca de si próprios)
- a auto-estima (modo como cada um avalia ou sente em relação a si próprio)

Ele é considerado uma das variáveis psicológicas que afecta directamente o comportamento, os desempenhos e o ajustamento individual.

Erthal (1986) escreve que o auto conceito funciona simultaneamente como ponto de partida de referência de cada pessoa, na sua tarefa fundamentalmente de organizar e co-ordenar o comportamento.

Numa outra perspectiva o auto-conceito aparece também ligado a variáveis como o nível de ansiedade, locus de control, as expectativas e o rendimento escolar.

Torna-se de grande utilidade que cada professor saiba a imagem que proporciona em função do auto-conceito que tem de si.

A teoria de auto-percepção dá particular relevo à representação cognitiva dos estados internos e às estratégias cognitivas possíveis adoptadas face aos mesmos estados interiores.

As atribuições são mediadoras do comportamento - condicionando a atribuição, seguir-se-á o comportamento desejado, na linha da atribuição produzida.

Torna-se de grande utilidade aplicar ao domínio pedagógico a teoria da auto-percepção para conhecer:

1. O tipo de reforçadores suficientemente motivadores para o aluno e professor
2. O tipo de atribuições formuladas pelo aluno e pelo professor
3. Orientação no campo pedagógico explorado.

Ações de formação para professores fazendo uma abordagem dos diversos pontos focados, poderão em função da consciencialização efectuada de uma forma pessoal e dinâmica serem factores de mudança.

Ao começar a refletir sobre os primórdios da Pedagogia, é interessante verificar o quanto diversas situações históricas vividas por grandes homens e mulheres, em importantes e decisivos momentos, podem ser tão parecidas com aquelas que observamos na nossa época.

A educação foi uma conquista tardia do homem, porque exigiu, um determinado bem estar e uma certa coerência social. Mas, quando surgiu? Poderemos esquecer o interminável e obscuro caminho de aprendizagem que a possibilitou? Que esforço e tempo lhe dedicamos para preparar e perspectivar a educação num futuro, para que se possa ter sempre a Pedagogia certa para o momento certo?

Hoje as teorias e práticas pedagógicas em vez de se imporem do exterior à criança, desenvolvem-se a partir das suas necessidades, dos seus desejos e das suas capacidades de expressão.

Assim, o educador das Pedagogias Novas, já não recorre a um sistema normativo e "interditivo" em função do qual vai obrigar a criança.

O educador apola-se num discurso que vai constantemente definir e redefinir. A partir dos sinais emitidos por aquele a quem vai educar.

A criança não é um homem pequeno, é muito mais do que o filho do homem. Assim, o educador não será um bom educador sem previamente se ter reconciliado com a sua infância e adolescência. Há um ritmo para todo o desenvolvimento, por isso há um ritmo para o desenvolvimento do educador. Interessa que o educador seja um produtor e não um reproduzidor. Anteriormente a escola reproduzia o universo cultural que nunca era o da criança; hoje nas áreas de formação surgem novos saberes que são o fruto de uma área de produção simbólica, regulada pelo grupo e justificada por imperativos socio-profissionais.

Se a cultura for o conjunto de modelos disponíveis que a educação transmite de geração em geração, constituindo e construindo a base de um humanismo no qual esses modelos se situam, qual será o papel do educador?

A pedagogia não pode continuar a ser o discurso e a prática da inscrição de cada um e do conjunto desses modelos. É esta transferência da cultura que os educadores deverão tomar em consideração. Imitar já não é reproduzir modelos, mas guardar uma certa distância em relação a estes últimos para inventar novos modelos, inspirar-se neles para criar indicadores.

Mas, a dificuldade de educador está no criar. Os educadores sentem-se angustiados perante a ausência de referências que provêm em grande parte de uma confusão entre o modelo a renovar e o indicador a produzir.

Poderá a liberdade dizer não aos valores herdados do passado, que se lhe impõem? Rousseau diz - "Deixai crescer" - Mas como? Segundo Rousseau a educação do seu tempo é comparável ao leito de Procrustes: todos devem adaptar-se, à sua longitude e nem que para o conseguir, a uns se tenha de aumentar o tamanho e a outros cortar-se o que sobra.

E hoje, a que será comparável a educação do nosso tempo?

O "deixai crescer" não é o mesmo que "deixai fazer"; que por sua vez não é a mesma coisa que "deixai ser livre e original". Recorde-se Lewin e as suas três situações pedagógicas. Porque é que ainda se continua a anular a iniciativa e os pontos de referência procurando a angústia? Reduzir as tensões, criar o espaço de vida e tempo favorável ao ajustamento às diversas situações e criatividade, não seria melhor opção?

Segundo Rogers o Homem possui um desejo natural de saber e é confiado ao grupo a tarefa de o libertar e actualizar esse desejo. O educador nada impõe pois ele não é a causa, mas a oportunidade da aprendizagem. O professor é um "facilitador" da aprendizagem. Pretende-se que se apresente em toda a sua simplicidade, sem qualquer fachada, e se necessário que comunique os seus sentimentos que porvêm da sua implicação pedagógica. A sua acção inside no grupo e deverá estar empenhado em ajudar o educando a passar sem rupturas violentas para o meio onde futuramente irá viver.

O objectivo de toda a formação não é adquirir conhecimento mas sim a capacidade de o adquirir. O professor é o espelho da turma e a turma o espelho do professor. Está em jogo a mobilização interactiva da afectividade, da linguagem e imaginação, para a criação de um sentimento de produção útil (a que Erikson chamou "sentimento de indústria")

Que tipo de professores temos?

Que tipo de professores somos?

Qual o perfil Ideal do professor?

Como concretizar as nossas aspirações?

Que tipo de expectativas temos?

PERFIL IDEAL DO PROFESSOR



Legenda:

Desenho realizado por um grupo de professores do ensino secundário, numa acção de formação sobre o tema, na ESE de Beja. Talvez só falte acrescentar um "coração" para marcar a importância da componente afectiva.

A escola é um espaço de análise e não uma agência de emprego (de alunos ou professores). Os objectivos definidos devem permanecer suficientemente amplos para não circunscrever o projecto latente, não provocar atitudes estereotipadas que contrariam o acesso ao desenvolvimento de aptidões.

O professor depara-se com a indiferença, com a ausência de necessidade - desejo - motivação - prazer. Logo o seu discurso deverá ser baseado no interesse entendido como **motivação, mobilização, participação**. Será a falta de interesse a partilha ou não da mesma **identificação cultural**?

O professor deverá fazer uma acção prévia da educação cultural, renunciar a ser especialista, apresentar-se como um generalista que fornece indicações e quadros de referência aqueles que os não têm ou perderam?

A escola institui um mundo imaginário e é esse mundo imaginário que serve de substituto do mundo cultural deficiente. A escola deverá inventar cultura e despertá-la. Para isso, são necessários professores originais, e não professores "bodes expiatórios" da escola, da educação ou da cultura; ou com dizia Jules Freny "Aquele que deve assumir os pecados da educação familiar e os erros da educação social".

Há que despertar. A tarefa educativa nunca está terminada, o educador em geral ao educar, educa-se a si mesmo, e promove nova educação, e constrói uma nova escola.

Os educandos têm de viver sempre no mundo simbólico do educador: aquele que está interessado faz parte integrante do mesmo mundo, partilha da mesma intencionalidade imaginária e económica, habita o mesmo espaço simbólico, fala a mesma linguagem. O educador tem de estar em actualização permanente, em dinâmica permanente.

Os sentimentos de referência e pertença da organização do mundo de cada Personalidade são marcados pela cultura: por isso o professor deverá ser um **dinamizador cultural**. Como alguém disse "A educação é a aprendizagem do saber-ser, a formação a do saber viver".

Se a cultura for também a parte do ambiente feita pelo homem é uma questão vital a um povo, se quer sobreviver todo um processo de ajustamento contínuo a esse meio, visto ele ser dinâmico, porque nenhum homem pára de ter, fazer, ser, pensar, valorar e criar enquanto agente de cultura.

É interessante verificar como os jovens são atraídos pela música dum grupo rock português ou estrangeiro. Como se sentem felizes e quanto lutam para conseguirem os bilhetes ou se deslocarem ao local do espectáculo. Para eles, nestas circunstâncias, não há obstáculos que não possam ser ultrapassados. Nem o facto da língua ser diferente! **Comunica-se**.

Há sem dúvida um sentimento de aventura mas, também, de união que estabelece a **coesão** entre o cantor e o público. Partilham-se valores, ideias, idades, conhecimentos diferentes. A atracção pela imagem, pelo som, pela fantasia, pelo sonho, pelo ideal é uma realidade.

Todos os professores deveriam ter ciúmes de tal situação. Porque não despertam eles tal atenção? Tal êxtase? Porque não são eles tão espectaculares?

Talvez porque não tenham **música, imagem, curiosidade e sentimento**. Talvez porque **não são presente!** E o jovem vive no presente. O passado é curto e o futuro distante. Interessa a verdade e a novidade do **aqui e do agora**.

Seja o professor o "**engenheiro do comportamento**", "**planeador cultural**", "**facilitador da aprendizagem**", o **espelho da turma**, o **amigo do saber**, da cultura, do **aluno criativo** - em duas palavras, seja **dinamizador cultural**. Como o concretizar?

O professor dinamizador cultural é um **professor situado**, isto é, educa onde está, educa quem está ali, educa nas condições em que se está ali. É um **humano que assume** ser dinamizador cultural; parte ao encontro da sua **identidade** para poder funcionar como modelo, modelando e sendo modelado. Permanentemente actualizado dinamiza, desperta, conserva e cria cultura numa sociedade em constante mudança.

"Para todos, o melhor de tudo e das melhores maneiras" (Coménico) e todos os dias professores e alunos se encontram na escola! Estão à espera que algo aconteça. Façamos com que ocorra. Da responsabilidade à criatividade: apostemos nos professores. É preciso **acreditar para concretizar** - e a novidade está em o professor **assumir, querer ser** dinamizador cultural; dum modo **realista, adequado, interessado, comunicativo, informativo e afectivo**.

A questão colocada. "A cultura ensina-se?". sensibiliza e remete para uma multiplicidade de mundos problemáticos e fascinantes. Um dos que desperta mais interesse actual é o mundo do mestre, pedagogo, do educador ou **professor de hoje**. Pouco importa quem foi ou quem será, quando o nosso empenho deve estar no **aqui e no agora** das necessidades educativas; com aquilo que temos e desejamos alcançar.

Como deverá ser o **perfil ideal do professor de hoje?**

O professor que ensina cultura é aquele que transmite uma informação, faz adquirir um valor, compreender uma ideia, aprender uma técnica, um conhecimento; para isso utiliza um método em função da sua competência.

Falar do professor enquanto dinamizador cultural é esperar que ele vá para além de ensinar cultura. Pretende-se que ele seja criativo e ajude a criar cultura; isto é, **ser e promover** cultura.

A novidade ou dificuldade não está tanto no significado das duas palavras, mas, em **sentir, fantasiar, querer e assumir** ser dinamizador cultural, perante si próprio em primeiro lugar, e só depois diante dos alunos, da escola, da família, da comunidade; num espaço e tempo **permanentemente actualizáveis**. Daí o dinamismo e a força da informação, daí a **qualidade e a realização pessoal**.

Ir para além da escola curricular e chegar à escola cultural, é uma caminhada que envolve igualmente, num processo de interrelação (estruturado e estruturante), a escola, os funcionários da escola, a família, a comunidade, a sociedade em geral. Porquê então

começar pelos professores? Por causa da força atraente que eles comportam, movimentam e transformam, enquanto dinamizadores culturais.

BIBLIOGRAFIA

- HIGHERT, Gilbert; *A arte de ensinar*, Biblioteca da Educação nº 38, Edições Melhoramentos
- LEIF, J.; *Vocabulário Técnico e Crítico da Pedagogia e das Ciências da Educação*, Editorial Notícias
- LEPADE, Marie Claire; *Pedagogia e Pedagogias*, Edições 70
- MATIAS, Agostinho; (1981) "Atribuição e Auto Percepção", in Revista Portuguesa de Pedagogia, ano XV, Coimbra
- RESWEBER, Jean-Paul; (1988), *Pedagogias Novas*, Coleção Estudos Gerais, Teorema
- SIMÕES, Mário e Vaz Serra, Adriano (1987); "A importância do auto-conceito na aprendizagem escolar" in Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXI, Coimbra
- SKINNER, B.F. (1980); "Manejo das Contigências na Sala de Aula" in Pereira, O.G. e outros; A criança e o mundo, D.Quixote, Lisboa
- SKINNER, B.F. (1985), *Ciência e Comportamento*, Martins Fontes, S.Paulo, Brasil
- VAZ, João Pimentel (1985); "Educar para Quê?" In Revista Portuguesa, Ano XIX, Coimbra

Como colaborar com



LER EDUCAÇÃO está aberta a todos os que nela queiram participar, bastando para o efeito enviarem-nos artigos, críticas ou opiniões relacionadas com educação ou sobre temas que de alguma forma ajudem a divulgar a cultura do Baixo Alentejo.

Os originais deverão ser dactilografados em folhas A4, a dois espaços, e sempre que contenham gravuras, esquemas ou outros elementos gráficos, estes deverão ser de boa qualidade, e acompanhados das respectivas legendas e indicações referentes à sua inserção no texto.

A direcção desta revista reserva-se o direito de selecção dos artigos a publicar.

Toda a correspondência deverá ser enviada à direcção da revista LER EDUCAÇÃO